

<http://doi.org/10.47369/eidea-25-2-4672>

Recebido em: 06/04/2025

Aprovado em: 08/08/2025



Ensaio parresiástico booktoker Autenticidade ou impostura?

Milva Alves Magalhães

Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil

orcid.org/0000-0001-7465-577X

Resumo: Neste artigo, refletimos sobre efeitos de parresia nas ações booktoker, cujos reflexos são notados em motes explicativos, com destaque para os termos “autenticidade” e “paixão”, manejados pela mídia em enunciações sobre o sucesso BookTok na promoção da leitura e produção de leitores. Assentados no campo dos estudos foucaultianos da linguagem, mobilizamos a noção analítica de parresia, lançando-a ao encontro de discursos sobre a leitura em circulação no Booktok, em vista de interpretar possibilidades e limites do franco dizer naquele espaço discursivo. O corpus analítico, cujo suporte contextual é extraído de matérias jornalísticas sobre essa comunidade de leitores, é constituído de minivídeos representativos da heterogeneidade de performances e razões de ler implicadas na prática booktoker. Desses conteúdos, destacamos sinais de efeitos parresiásticos, bem como seu simulacro, produzidos nas ações com o livro. Constatamos, na abertura a um risco indeterminado, na coragem para dizer a verdade e na ambivalência que permeia essas ações, efeitos de parresia convergentes com o deslocamento discursivo do ethos para o pathos. Esse movimento ambivalente agrega ao discurso booktoker os sentidos pregnantes de “autenticidade” e “paixão” ressoados pela mídia, embora o mantenha permeável às imposturas da retórica e influências do mercado.

Palavras-chave: Autenticidade. Impostura. Booktoker. Leitura. Parresia.

Ensayo parresiástico booktoker: ¿autenticidad o impostura?

Resumen: En este artículo reflexionamos sobre efectos de la parresía en las prácticas booktoker, cuyos ecos se observan en construcciones discursivas marcadas por los términos “autenticidad” y “pasión”, destacados por los medios en sus representaciones del éxito de BookTok en la promoción de la lectura y la formación de lectores. Anclados en el campo de los estudios foucaultianos del lenguaje, movilizamos la noción analítica de parresía para examinar los discursos sobre la lectura que circulan en BookTok, con el objetivo de interpretar las posibilidades y los límites del decir veraz en ese espacio discursivo. El corpus analítico, contextualizado por reportajes periodísticos sobre esta comunidad de lectores, está compuesto por minivídeos que ilustran la heterogeneidad de performances y motivaciones para la lectura presentes en las prácticas booktoker. De estos materiales identificamos signos de efectos parresiásticos, así como sus simulacros, surgidos en las interacciones con los libros. Sostenemos que la apertura a riesgos indefinidos, el coraje de decir la verdad y la ambivalencia que atraviesa dichas acciones generan efectos parresiásticos alineados con un desplazamiento discursivo del ethos al pathos. Este movimiento ambivalente dota al discurso booktoker de los significados potentes de “autenticidad” y “pasión”, resonantes en las narrativas mediáticas, al tiempo que lo mantiene expuesto a las imposturas de la retórica y a las influencias del mercado.

Palabras clave: Autenticidad. Impostura; Booktoker; Lectura; Parresia.

Parresiastic Booktoker Essay: Authenticity or Imposture?

Abstract: The article examines effects of parrhesia in booktoker practices, as traced in discursive narratives, especially in the recurring emphasis on “authenticity” and “passion” as highlighted by the media in its

representations of BookTok's success in promoting reading and shaping readers. Anchored in the field of Foucauldian language studies, we draw on the analytical notion of parrhesia to examine discourses on reading circulating on BookTok, with the aim of interpreting the possibilities and limits of truth-telling within that discursive space. The empirical corpus, contextualized by journalistic reports on this community of readers, consists of short videos that illustrate the heterogeneity of performances and motivations for reading that characterize booktoker practices. From these materials, we identify signs of parrhesiastic effects, as well as their simulacra, emerging from engagements with books. Our findings shows that through the reiteration of certain meanings, the openness to indeterminate risk, the courage to speak the truth, and the ambivalence permeating these actions emulate signs of parrhesia converging with the discursive displacement from ethos to pathos. This injunction of elements infuses booktoker discourse with the resonant meanings of "authenticity" and "passion" echoed in media narratives, while simultaneously exposing it to rhetorical posturing and market influences.

Keywords: Authenticity. Imposture. Booktoker; Reading; Parrhesia

Como é ler e ser leitor no temp(l)o do consumo

A história de como lemos já viu intensas mudanças e está longe do fim. Nesse momento, enquanto percorremos uma encruzilhada que opõe racionalidades analógicas e digitais, e a certeza mais premente é a mudança, ler e ser leitor se inscrevem no acelerado código da vida em rede, transformando a natureza da leitura. Assistimos, no mesmo passo vigilantes e dormentes, a prática intensiva e atenta, herdada de um tipo experiente de leitor que fomos, em uma realidade que já não é a mesma, ser gradualmente substituída por leituras extensivas inclinadas à rapidez, à superficialidade e à impermanência. Entre promessas e desafios, acompanhamos o livro e o gosto literário do jovem desprendendo-se de objetivos, tempos e conteúdos institucionalizados pela escola, à luz e às sombras de um cenário de espetáculos regido pelas tecnologias digitais e sua lógica algorítmica (Chartier, 1999; Casado Alves; Rojo, 2020; Wolf, 2019).

Se a leitura não é a mesma, tampouco o leitor é o de antes. Em sua prática, passou a descolecionar certezas, exercitar a multitarefa, a hiperatenção e a intolerância ao tédio, como aspectos de uma atividade inconstante de fruição coletiva, carregada de emoções e socializada segundo as regras do tempo acelerado de sua produção. A indústria cultural também mudou. Acompanhando uma tendência de generalizado abandono da densidade, própria do temp(l)o do consumo, o mercado tem se especializado em converter demandas captadas na rede em oferta de textos adaptados à dinâmica fragmentária do presente (Ceccantini, 2016).

Tal conjunto de mudanças é tecido em obediência às racionalidades que estruturam a *sociedade do espetáculo* estudada por Debord (1997), que não é mais a

sociedade disciplinar discutida por Foucault (2014). Seu funcionamento está assentado em outras premissas, que incluem o consumo, o empresariamento de si e o imperativo universal de tornar-se visível. Sob novas regras e influência dos meios digitais de comunicação em massa, são produzidos saberes, objetos e sujeitos flexíveis, em conformidade com a distribuição mais horizontalizada do poder. Sem as barreiras impostas pela comunicação analógica, a imagem ascende à condição de vedete de um mundo de aparências que se insinua como alternativa ao mundo real.

É nesse cenário digitalmente influenciado que se inscreve a comunidade literária *BookTok* – abreviação de *Book TikTok*¹, em referência ao livro e à rede social onde está hospedada. Dotada de funcionalidades como a rolagem infinita, essa plataforma de tráfego de vídeos curtos e dinâmicos reúne usuários interessados em literatura, em sua maioria jovens que abraçam a leitura com sentimentos. No formato redutor dos minivídeos sobre o livro, cabe a expressão de suas preferências literárias, espontâneas ou patrocinadas, com destaque para obras de ficção e fantasia para jovens adultos, além da possibilidade em germe de tornar-se viral. As mais de 215 bilhões de visualizações até 2024, das quais cerca de 20 bilhões são atribuídas à etiqueta *#BookTokBrasil*², refletem o alcance e a escalabilidade dos discursos sobre a leitura carregados na superficialidade profunda desse fluxo ligeiro e diluído. Seus saberes oscilantes circulam em uma fração de vídeos com muitas visualizações, enquanto são esquecidos em uma maioria de conteúdos pouco vistos, refletindo a atuação não aleatória do filtro algorítmico que minera e impulsiona determinados conteúdos de viés confirmatório.

As novas formas de comunicar objetos culturais, inauguradas por maquinarias tecnológicas como o *TikTok*, espelham anseios e preferências da cultura jovem que as próprias redes sociais, fazendo parecer o contrário, buscam moldar. No campo da leitura, a natureza aberta e descentralizada da comunidade *BookTok* garante a qualquer usuário autonomia para comentar e resenhar o livro, dispondo o criador dos saberes que aí circulam e das possibilidades de comunicação da linguagem das telas para se expressar. Entretanto, essa aparência de liberdade está condicionada à

¹ *TikTok* é a rede social preferida entre os mais jovens no Brasil, segundo a pesquisa *Tic Kids Online Brasil*, e o principal motor de busca na internet da geração Z, com mais de um bilhão de *downloads* em 2023, 60 milhões no país. Disponível em: <https://www.metropoles.com/negocios/tiktok-ultrapassa-1-bilhao-de-downloads-e-tem-a-maior-receita-em-2023>. Acesso em: 07 abr. 2024.

² Fonte: MACHADO, Simone. **BookTok: como TikTok está transformando jovens em leitores e autores em best-sellers**. São José do Rio Preto, SP: BBC News Brasil, 16 janeiro 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cek5e5mr3pdo>. Acesso em: 13 out. 2024.

validação do olhar do outro. A escalabilidade de saberes assim produzidos – sem os atritos da comunicação analógica, sob a triagem algorítmica e dependentes de uma audiência – afeta a imagem tradicional do bem comunicado, os espaços que ocupa, os sujeitos e as práticas reunidas sob o signo da leitura.

Um dos efeitos dessas mutações no campo da leitura foi o deslizamento da autoridade literária, antes restrita a espaços e sujeitos determinados, para o domínio público das redes sociais, possibilitando a ascensão de figuras públicas denominadas *bookinfluencers*. Nesse grupo de críticos literários amadores destacam-se os *booktokers*, em sua maioria jovens do gênero feminino dedicados à criação dos vídeos curtos que alimentam a plataforma. Por meio de um discurso pregnante centrado no par corpo-livro, suas performances dinâmicas exploram o poder da imagem na transmissão de emoções leitoras ficcionalizadas, que criam e amplificam uma atmosfera de intimidade leitora, capaz de fortalecer o vínculo entre membros da comunidade.

Ao evidenciar alguns desdobramentos da trama discursiva em relação ao livro, à leitura e ao leitor no espaço digital, o objetivo deste artigo é mapear possibilidades e limites da *parresia* na prática *booktoker*, levando-se em conta o contexto digitalmente influenciado de sua produção e o que se pode interpretar do apelo aos sentidos de “autenticidade” e “paixão”, normalmente evocados pela mídia para discursivizar a comunidade de leitores *BookTok*. E de modo específico empreender, à luz desse diagnóstico e suporte contextual, uma análise de marcas textuais e imagéticas representativas da performance *booktoker*, lançando sua carga de *pathos*³ ao encontro da noção de *parresia* discutida por Foucault (2010a, 2010b)⁴, em vista de refletir sobre as nuances do discurso considerado autêntico nesse ambiente, e em como a heterogeneidade de suas manifestações afeta a constituição do sujeito-leitor jovem.

Assentados no campo dos estudos foucaultianos da linguagem, constituímos um *corpus* analítico de materialidades que espelham práticas heterogêneas e regularidades representativas da ambivalência *booktoker* na relação com o

³ *Pathos*, segundo as obras de Aristóteles e Quintiliano, citadas por Foucault (2010b, p. 342-343), em suas referências à retórica como parceiro-ambíguo da *parresia*, é uma das três polaridades de qualquer movimento argumentativo. Trata-se do componente emocional do discurso, que completa o triângulo argumentativo formado pelo *ethos* (credibilidade), *logos* (razão) e *pathos* (paixão).

⁴ Por *parresia*, compreende-se uma certa maneira de dizer a verdade, a qual pode adquirir um sentido de indiscrição “com a qual se fala de tudo a propósito de si mesmo” (Foucault, 2010b, p. 47).

autêntico, cujas marcas permitem explorar possibilidades e limites da *parresia* naquele espaço discursivo. O primeiro desses conteúdos é um minivídeo sobre o livro *É assim que acaba*, de Colleen Hoover, obra de ficção mais vendida no mundo em 2022, escolhida por exemplificar o jogo de emoções comumente evocadas na performance *booktoker*, neste caso aplicadas a um dos romances de literatura jovem-adulta mais recomendados e populares na plataforma. Para subsidiar o movimento analítico, convertemos essa criação em uma sequência de oito capturas de tela, de modo a evidenciar a regularidade do uso estratégico do corpo na expressão do *pathos* associado a um tipo específico de leitura de entretenimento, o que possibilitou nuançar limites da prática *parresiástica* na plataforma. Em um segundo momento, já mais interessados no aspecto da fala verdadeira ligado aos temas de interesse coletivo eventualmente presentes nas ações com o livro, selecionamos e convertemos em uma sequência de três *prints*, conteúdos específicos sobre romance *O Averso da Pele*, de Jeferson Tenório, título envolvido em um assunto de interesse público noticiado pela mídia e repercutido na plataforma: a censura. Por fim, para abordar móveis da *parresia* como a implicação subjetiva do enunciador e o risco incalculado assumido no franco dizer, destacamos duas capturas de tela extraídas de um minivídeo sobre o livro *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, romance politizado e estranhamente pouco recomendado no *BookTok*, em comparação a *É assim que acaba*, apesar de figurar na lista dos mais vendidos no mercado nacional em 2022. Além disso, a partir de materializações dos efeitos de *parresia* nesse *corpus* analítico, refletimos brevemente sobre a dramática do discurso verdadeiro *booktoker*, em sua relação com a retórica e a impostura, e em como essa ambivalência opera na subjetivação do leitor jovem.

Em vista dessa balizagem, iniciamos o percurso que nos leva a interrogar e interpretar a prática *booktoker* com uma breve abordagem teórica sobre a abrangente noção de *parresia* em Foucault (2010a, 2010b), em que buscamos contextualizá-la, no tempo e no espaço, às práticas a serem analisadas. Em seguida, para problematizar a instância do “autêntico” no espaço digital, também acionamos algumas contribuições de autores como Bauman (2021), Dardot e Laval (2016) e Debord (1997), em particular sobre como racionalidades neoliberais estruturam e definem a noção de autenticidade na sociedade do espetáculo. Nas análises, confrontamos a *parresia*, enquanto dizer verdadeiro, e a prática *booktoker*, enunciada pela mídia como uma manifestação autêntica e apaixonada desses jovens

criadores de conteúdo literário. Em meio a elementos retóricos que reforçam a atuação estratégica do *pathos* nos discursos analisados, destacamos a abertura ao risco e a coragem de dizer a verdade como agentes ativos na criação de um efeito parresiástico sobre a audiência, conferindo-lhe os atributos de autêntico e apaixonado. Por fim, em vista dos objetivos pedagógicos que orientam este recorte de pesquisa⁵, interrogamos o discurso *booktoker* interessados naquilo que o seu funcionamento tem a dizer sobre a constituição do leitor jovem no cenário digital e em que essa compreensão pode contribuir para a formação de leitores na escola.

1 Uma exploração da *parresia* em Foucault

No dizer de Foucault (2010a, p. 334):

Etimologicamente, *parrhesía* é o fato de tudo dizer (franqueza, abertura de coração, abertura de palavra, abertura de linguagem, liberdade de palavra). Os latinos traduzem geralmente *parrhesía* por *libertas*. E a abertura que faz com que se diga o que se tem a dizer, com que se diga o que se tem vontade de dizer, com que se diga o que se pensa dever dizer porque é necessário, porque é útil, porque é verdadeiro.

A “ética do dizer-a-verdade, em seu ato arriscado e livre”, assim Foucault (2010b, p. 64) define *parresia* na aula de 12 de janeiro de 1983 – segunda hora – no curso *Governo de Si e dos Outros*. Interpretada como uma atitude ética da relação do sujeito com a verdade sobre si mesmo, o discurso parresiástico é explorado em seus últimos cursos no *Collège de France*, ministrados entre 1982 e 1984. Discutido inicialmente em *A Hermenêutica do Sujeito* (2010a), o tema é aprofundado nos cursos subsequentes: *O Governo de Si e dos Outros* (2010b) e *A Coragem da Verdade* (2011). Nesses estudos, o filósofo examina as mutações da *parresia* na Antiguidade, enfatizando suas relações com a retórica, a política, a filosofia e a ética do cuidado de si. Ao explorar as condições de produção desse dizer, nos diferentes modos da cultura antiga, demonstra que, na *parresia*, o que está em jogo é a franqueza e a liberdade de expressão, um “tudo dizer” ligado à atitude de quem fala.

Na teorização foucaultiana, o franco dizer constitui-se como ato de liberdade, uma prática de autogoverno e de resistência aos regimes de poder e saber que

⁵ Este artigo tem origem na dissertação de mestrado *De volta para o futuro da leitura: uma navegação pela infinitude BookTok e o dever do sujeito-leitor*, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

regulam os discursos. Uma forma de *cuidado de si* em que o sujeito se compromete com uma verdade que desafia as convenções institucionais e se arrisca a extrapolar os limites do dizer assumindo suas possíveis sanções. Por isso, o ato parresiástico emerge como uma prática essencial para a *estética de si*, porque pode expandir as possibilidades de relação ética consigo e com os outros, “uma maneira de comprometer-se com a verdade que não é apenas dizer o que se pensa, mas assumir-se como sujeito dessa verdade, aceitando as consequências que podem vir desse ato” (Foucault, 2010a, p. 362).

Em sua prática, o parresiasta assume uma posição autêntica e corajosa, comprometendo-se com os riscos implicados no dizer verdadeiro de si. Seu gesto não se restringe a um simples ato de comunicação ou à defesa de um posicionamento, antes disso, constitui uma prática que ultrapassa o discurso para se configurar como um instrumento de resistência e subjetivação, desafiando as convenções estabelecidas em garantia da verdade frente a contextos adversos. A relação entre o enunciador e a verdade, nesse sentido, é indissociável da ética, pois a coragem de falar o que se pensa é uma afirmação do compromisso do sujeito com uma vida autêntica. O locutor não apenas se coloca contra as normatividades dominantes, contra os regimes de verdade, mas também assume uma posição mobilizante para o discurso verdadeiro como um meio de contestação e engajamento crítico.

Nos estudos foucaultianos sobre as formas de controle do discurso, a “vontade de verdade” emerge como um mecanismo de exclusão daqueles que questionam seus limites (Foucault, 2014, p. 19). Assim, a relação entre sujeito e verdade é indissociável, pois os regimes em que se inscrevem o dizer verdadeiro determinam o que deve ser aceito como legítimo, evidenciando seu caráter histórico e sua modulação pelas dinâmicas de poder (Foucault, 2016, p. 13). Desse modo, a verdade em circulação está indexada a um determinado regime de produção das subjetividades que busca controlar, ambos em constante mudança.

Nesse terreno teórico, a *parresia* assenta-se como uma postura ativa e subversiva que desafia as estruturas de poder e os regimes de verdade para revelar uma forma de constituição ética do sujeito. Sua prática não se baseia em um estatuto institucional ou em um saber legitimado. Mais que isso, constitui na coragem de dizer a verdade um exercício de liberdade ligado ao *cuidado de si*. Esse discurso franco, ao desafiar os limites impostos pelo poder, opera como um ato ético transformador,

permitindo outros modos de subjetivação livres das coerções históricas de poder e saber (Foucault, 2010a, 2010b).

Sob tais condições, o ato parresiástico é composto por uma relação direta entre o sujeito que fala, a verdade que ele professa e as consequências que esse ato de dizer a verdade desencadeia (Foucault, 2010b). Ao refletir sobre as diferentes possibilidades de estudar o franco dizer, o filósofo ressalta:

[...] se queremos analisar o que é a parresia, não é nem do lado da estrutura interna do discurso, nem do lado da finalidade que o discurso verdadeiro procura atingir o interlocutor, mas do lado do locutor, ou antes, do lado do risco que o poder-a-verdade abre para o próprio interlocutor (Foucault, 2010b, p. 55).

Além do sujeito que enuncia, é importante considerar a função do interlocutor, pois “o dizer-verdadeiro sobre si mesmo foi uma atividade em conjunto, uma atividade com os outros, e mais precisamente ainda uma atividade com um outro, uma prática a dois” (Foucault, 2011, p. 7). Nesse sentido, trata-se de um exercício compartilhado consigo, com a verdade e com o outro; “é também a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que ouve” (Foucault, 2011, p. 13). Ou seja, o ato de dizer a verdade exige uma abertura do ouvinte para ser interpelado e desafiado por essa palavra descomprometida com os jogos de poder convencionais, profundamente compromissada com a autenticidade e a ética do cuidado consigo e com o outro, que extrapola a ordem do saber e alcança outros espaços, assumindo os efeitos desse deslocamento para si.

As condições ocasionais do ato da fala estão igualmente imbricados no franco dizer. As práticas do dizer verdadeiro operam sob regras específicas que estabelecem suas condições de existência e funcionamento numa relação condicionada à ocasião do dizer, que se instala entre o locutor e o ouvinte. Dessa perspectiva, o franco-dizer não é apenas sobre o que se diz e sim sobre quando e para quem se diz, realizando-se como um exercício intrinsecamente relacionado ao *kairós* (ocasião oportuna), às circunstâncias do momento presente e à forma como essa verdade é comunicada, ajustando-se ao interlocutor e ao contexto para maximizar o impacto ético e a recepção do discurso. Nas palavras de Foucault (2010a, p. 344), as regras da *parresia* são definidas pelo “[...] *kairós*, a ocasião, ocasião que é exatamente a situação dos indivíduos em relação uns aos outros e o momento escolhido para dizer a verdade”.

Em outras palavras, o dizer a verdade da *parresia* pode ser compreendido como uma posição do sujeito livre, virtuoso pela coragem em ultrapassar a ordem do

dizível, fazendo emergir um modo de falar autêntico, comprometido com a situação comunicativa e com o interlocutor. Nesse segundo nível do discurso verdadeiro, temos “[...] uma palavra que, do lado de quem a pronuncia, vale como comprometimento, vale como ego, constitui um certo pacto entre o sujeito da enunciação e o sujeito da conduta” (Foucault, 2010a, p. 365).

Desse modo, como ferramenta conceitual, a noção de *parresia* oferece uma chave interpretativa dos efeitos da autenticidade sobre os objetos produzidos pelo discurso contemporâneo, pois possibilita buscar em outras épocas marcadores atemporais do franco-dizer, próprios de toda civilização, e a partir deles interpretar o presente. À luz dessas formulações, o dizer do outro, recebido como discurso verdadeiro, pode ser analisado quanto aos efeitos parresiásticos produzidos sobre os objetos e sujeitos. No campo da leitura, compreender essa prática discursiva possibilita levar adiante a interrogação que se coloca acerca de para onde nos levam as mutações no cenário digital e que tipo leitor está em constituição no presente, uma vez que objetos e sujeitos são atravessados e constituídos pelos discursos.

2 O problema da autenticidade do discurso no espaço digital

Abordar o vínculo problemático entre a liberdade e a produção da verdade no contexto da vida em rede conduz ao reconhecimento de sinais de uma transição de cenários que, pelo imbricamento de suas racionalidades, coloca em questão o ideal de *parresia*:

De uma sociedade do estilo Panóptico para uma sociedade do estilo sinótico: as mesas foram viradas e agora são muitos que observam poucos, os espetáculos tomam lugar da supervisão sem perder o poder disciplinador do antecessor. A obediência aos padrões (uma maleável e estranhamente ajustável obediência a padrões eminentemente flexíveis, acrescento) tende a ser alcançado hoje em dia pela tentação e pela sedução e não mais pela coação – e aparece sob disfarce do livre-arbítrio, em vez de revelar se como força externa (Bauman, 2021, p. 110).

A relativização de valores morais, o embaralhamento dos contextos, a linguagem imagética e, sobretudo, a repartição das instâncias de poder, estas em estado de permanente competição entre si, dissolveram a ideia de uma autoridade suma reguladora do mundo, responsável por estabelecer objetivos fixos a serem perseguidos e padrões de escolha para o seu alcance. Com isso, assistimos ao abrandamento da solidez da sociedade disciplinar discutida por Foucault (2010b). Em

seu lugar, o espetáculo da produção e estetização de si surgem como estratégia de subjetivação mais leve. A coerção é diluída na liquidez das liberdades cuja promessa é garantida pelo discurso de autonomia, capaz de disfarçar o jugo da obediência pela reiteração de verdades subjetivantes indexadas aos padrões flutuantes do sujeito flexível (Bauman, 2021).

Os objetivos perseguidos, que passam a ser flutuantes, tornam-se atraentes, acompanhados por uma variedade de meios à disposição pelos quais seria possível alcançá-los, o que quase nunca acontece. A incerteza moderna não está mais na escolha desses caminhos; para estes não é preciso muita reflexão e há muitos conselheiros no ambiente digital. O problema agora diz respeito a definir os objetivos, muito em razão de uma estranha tendência: uma vez fixados os meios, aqueles tendem a se afastar à medida em que deles nos aproximamos. Para muitos indivíduos, essa é uma fonte de angústia e insegurança, face à qual recorrem a um catálogo crescente de soluções de acesso facilitado que, prometendo a presentificação do futuro, normaliza o discurso midiático do empresariamento de si.

Seguindo a receita neoliberal de sucesso, a busca por tais soluções é comodificada e convertida em negócio. Para todo tipo de problemas cotidianos, sobretudo os de gestão de tempo, são ofertados recursos em um fluxo crescente, facilitado pela capilaridade e possibilidades de comunicação próprias da linguagem das telas. A promessa de satisfação da necessidade individual e personalizada é reforçada incansavelmente pela inteligência interesseira dos algoritmos, que mostram e monitoram. Colher e alimentar preferências individuais captadas na rede torna menos aberta a questão proposta por Bauman (2021) sobre a liberdade de escolha do consumidor ser genuína ou putativa.

O indivíduo assujeitado pelo discurso neoliberal de autonomia vê-se inclinado à espetacularização e à presentificação da vida, segundo racionalidades que extrapolam os limites de uma teoria econômica para avançar no terreno da governamentalidade totalizante do eu. Para Foucault (2008), essas mudanças representam a ascensão do *homo economicus* (homem econômico), figura social e historicamente produzida pelo discurso neoliberal, que mesmo diluído e fazendo parecer o contrário, insta o indivíduo a internalizar a lógica de mercado em todas as esferas da vida íntima, a transformar-se em empresa de si mesmo, a ocupar-se mais consigo e menos com o coletivo, responsabilizando-se pelo sucesso ou fracasso da própria vida enquanto empreendimento. Inaugura, portanto, um processo de

transformação do capital humano em mercadoria, cujo valor deve ser continuamente otimizado (Foucault, 2008).

Para o *homo economicus*, fazer frente a um permanente estado de concorrência é uma necessidade que tende a ser aplacada pela sedutora ideia de um sujeito flexível, a quem estão disponíveis meios apropriados para atingir qualquer objetivo. Apresentado como um modelo a ser internalizado, sua aceitação acrítica está atrelada à urgência de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal contínuos cuja satisfação requer, no âmbito privado e público, acertar na escolha dos objetivos de vida, ante à grande oferta de meios disponíveis que prometem alcançá-los. Essa nova configuração eleva o mérito pessoal à condição de fator decisivo para o sucesso no discurso neoliberal. Seguindo uma linha de pensamento convergente, Bauman (2021) afirma que o excesso de meios coloca para o *homo economicus* o problema central na vida do empresário de si, que consiste em fazer a melhor escolha, entre tantas possíveis. E da ubiquidade dessa “razão neoliberal” sustentada por uma lógica de competição, performance e comodificação, é que a produção de subjetividades se torna plenamente adaptada ao mercado, alcançando todos os aspectos da vida humana, a serem continuamente capitalizados e transformados em negócio (Dardot; Laval, 2016).

Diante das incertezas de um cenário cada vez mais competitivo cujo núcleo é o “comprar”, Bauman (2021) argumenta que esse homem flexível encontra algum conforto quando realiza escolhas com base na experiência de um conhecido de confiança que passou por situação análoga de escolha. Contar com exemplos antecipados que julgamos verdadeiros, oriundos de alguém “por dentro” do assunto de interesse, é uma comodidade que estamos propensos a buscar, ainda que nos falem condições materiais para tanto, inclusive para examinar o regime de produção dessa verdade. Na internet, a demanda pelo conhecimento externo comunicado com autenticidade insuspeita consolida-se como um negócio cujo sucesso está ligado à disputa pela atenção e ao discurso autêntico.

Essa paisagem social, cultural e econômica tende a buscar a imagem do eu pré-existente autêntico, que carrega uma verdade interior essencial. Não obstante, boa parte dos discursos alegadamente autênticos, manejados nos meios de comunicação públicos para representação de verdades subjetivas são comprometidos pela retórica e possuem não mais que um verniz de autenticidade, no dizer de Bauman (2021) e Foucault (2010b). A fabricação pública do eu inautêntico tem por base a impostura,

requerendo e atualizando discursos hegemônicos que acolhem os anseios do sujeito sob o manto da verdade, apresentando um mundo de aparências totalizantes a serem perseguidas, ao mesmo tempo em que coloca a realidade como inadequada e substituível (Debord, 1997).

Diante desse horizonte, ganha relevo a questão de como pensar discursivamente a instância do “autêntico” no ambiente digital, em vista de desenvolver ferramentas analíticas e utilizá-las para contestar verdades totalizantes que guiam a existência de muitos e pressupõem a essência de um eu autêntico, capitalizada pelas plataformas digitais. Seguindo as pistas deixadas por Foucault (2008, 2010a e 2010b), uma possível rota de fuga à normatividade assujeitadora moldada pelas práticas institucionais, regimes de verdade e tecnologias de poder, aponta na direção de uma prática parresiástica enraizada no cuidado de si e do outro que encontra lugar na vida em rede. Essa perspectiva discursiva desmancha a visão essencialista da autenticidade para atribuir-lhe um caráter contingente. Nesse sentido, o pensamento foucaultiano oferece ferramentas que ajudam a pensar o “autêntico” como expressão de uma prática ética do dizer verdadeiro e, nesse movimento, suas funções transformadoras são as de um ato estratégico, corajoso e político de dizer a verdade que funcionam como uma equipagem do sujeito no mundo.

Nesse sentido, a articulação entre autenticidade no ambiente digital e a parresia oferece uma chave interpretativa para o problema da adesão sem filtros aos discursos de aparência, considerados autênticos e povoados de promessas de liberdade. No campo da leitura, os significados que habitam discursos assim recebidos, como autênticos, a exemplo do *booktoker*, circulam carregados de evidências de como a aparência alarga o espaço para a reconfiguração de modelos hegemônicos e representações idealizadas sobre esse tema. Sua validação numericamente justificada, calçada em universalidades que interditam pensamentos dissonantes, naturaliza desigualdades e substituem direitos por desempenho, revela que discursos sobre a leitura não escapam ao regime de verdades da *sociedade do espetáculo*.

3 Efeitos parresiásticos no discurso *booktoker*

Seguimos com alguns desdobramentos do discurso *booktoker*, observados à luz do *espetáculo* e sob a lente da *parresia*. Em particular, estamos interessados em

explorar os efeitos parresiásticos sobre a leitura que surgem a partir do vínculo entre liberdade de criação e o regime de verdades que se constitui entre o sujeito criador de conteúdo (*booktoker*) e sua audiência, segundo regras de sociabilidade mediadas externamente pelo algoritmo e internamente pelo *pathos*.

Em sua vocação para a universalidade, o discurso *booktoker* abre-se ao espaço público com uma dupla organização capilar (vertical e horizontal) e alcance global. Sua constituição é plural, aberta tanto à infinitude quanto à efemeridade, sujeita à eternização no arquivo digital ou ao ostracismo, em razão do estatuto do sujeito enunciante, da natureza do seu conteúdo, e do deslocamento dos contextos na recepção pelo público. Em certa medida, o discurso *booktoker* oferece um risco germinal à própria existência, associado ao que é dito ou silenciado, ao que é visibilizado ou apagado. Assim, abre-se para o criador a possibilidade da crítica, da perda de seguidores ou, o que é mais grave, de julgamento pelo “tribunal da internet”. Na vida em rede, tanto a mentira como o dizer verdadeiro, além de suas combinatórias, inauguram um risco de exclusão social imposto pela “cultura do cancelamento”.

A fim de evidenciar essa configuração discursiva e apoiar o movimento analítico, recortamos algumas sequências enunciativas de textos da mídia que acontecimentalizam o *BookTok*, nas quais flagramos com bastante regularidade o uso dos termos “autenticidade” e a “paixão” como motes explicativos para o sucesso *BookTok* na promoção da leitura e na produção de leitores:

O *BookTok* não apenas revitaliza a **paixão** pela leitura, mas também democratiza o acesso à crítica literária. Jovens leitores, que talvez não tivessem acesso a resenhas em jornais ou revistas, agora podem descobrir livros através de recomendações acessíveis e **autênticas** de pessoas com quem se identificam. Este fenômeno cria um ciclo virtuoso, onde a descoberta e o compartilhamento de livros se tornam uma experiência social e comunitária (Exame, 2024)⁶.

A editora executiva dos selos comerciais da Companhia das Letras, Quezia Cleto, ratifica a opinião das colegas de mercado. Para ela, um fator determinante dos feitos vindos do *BookTok* são “as recomendações **autênticas**, cheias de **paixão**” (Gama Revista, 2024)⁷.

⁶ Disponível em: <https://exame.com/pop/o-que-e-booktok-fenomeno-do-tiktok-que-incentiva-a-leitura/>. Acesso em: 26 out. 2024.

⁷ Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/que-livro-mudou-a-sua-vida/booktok-alavanca-o-mercado-editorial-atrai-novos-leitores-jovem-literatura-tiktok-livros/>. Acesso em: 26 out. 2024.

O poder do BookTok. O BookTok é um espaço incrível, principalmente pela **autenticidade** da criação de conteúdo (Metrópoles, 2023)⁸.

‘Velocidade, não perfeccionismo’. Conforme ele, uma publicação bem-sucedida na plataforma não é, necessariamente, a que foi feita com perfeccionismo. “Apenas seja **autêntico** e rápido. Embarque nas tendências e crie no momento” [...] (Estadão, 2023)⁹.

A Leoni cria vídeos de todos os gêneros literários e sempre traz **autenticidade**, piadas e a personalidade dela. (O Tempo, 2023)¹⁰ (grifos da autora).

Nos enunciados coletados, a escolha linguística dos termos “autenticidade” e “paixão” é emblemática e sua reiteração merece destaque. Questionamos se essa enfática repetição de determinadas “qualidades” poderia indicar não sua presença, mas sua falta. Margeando essa questão, salientamos que a mídia discursiviza o *BookTok* como uma novidade necessária, pois além de “revitalizar”, “democratiza o acesso à leitura” para grupos sociais menos favorecidos. Nessa nota, o foco dado ao sucesso da plataforma desvia a atenção de questões reais que interditam a fruição desse direito no Brasil. Em uma sociedade que nega cidadania aos seus membros mais vulneráveis, silenciar as causas da desigualdade despe o sujeito “menos favorecido” de sua individualidade, de modo que cabe indagar quem são os destinatários da “autenticidade” e da “paixão” propagandeadas. Essa ponta miserabilista da trama discursiva enreda o indivíduo “menos favorecido” como mero representante de um contingente marginalizado que acata as premissas do discurso meritocrático e com elas justifica a culpa autoimposta pela permanência à margem da sociedade, de onde necessita ser resgatado da infâmia pelas luzes do espetáculo para ingressar como penetra no mundo letrado (Curcino, 2024).

Como ecos de uma certa maneira de ser leitor modelizada pela ordem do discurso, a forma como essas primeiras enunciações midiáticas evocam os sentidos de “autenticidade” e “paixão” constitui um suporte adequado para as discussões sobre a *parresia* no espaço discursivo *booktoker*. Antes, porém, observamos que o alcance das funções do sujeito ligadas à *parresia* como técnica de si impõe certos limites à análise da prática *booktoker* na perspectiva foucaultiana. As mutações da vida em rede subverteram princípios reunidos sob o signo da cultura de si. Essa

⁸ Disponível em: <https://www.metrópoles.com/entretenimento/literatura/booktok-mercado-editorial-livros>. Acesso em: 26 out. 2024.

⁹ Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/literatura/o-que-e-booktok-sensacao-tiktok-mudou-habitos-leitura-brasileiros/>. Acesso em: 26 out. 2024.

¹⁰ Disponível em: <https://www.otempo.com.br/entretenimento/5-influenciadores-que-indicam-livros-no-tiktok-para-voce-seguir-1.2853437>. Acesso em: 26 out. 2024.

limitação fica mais evidente quando pensamos na ascensão do princípio do “conhece-te a ti mesmo” e no correspondente declínio da função do outro na cultura do empresariamento do sujeito, práticas refratárias ao cuidado de si no cenário digital.

Quanto à *parresia*, Foucault (2010b, p. 44) afirma estar impregnada na cultura de si, enredando:

[...] toda uma estrutura, todo um pacote de noções e de temas importantes: cuidado de si, conhecimento de si, arte e exercício de si, relação com o outro, governo pelo outro e dizer-a-verdade, obrigação desse outro de dizer a verdade. Com a noção de *parresia*, temos, como vocês veem, uma noção que está na encruzilhada da obrigação de dizer a verdade, dos procedimentos e técnicas de governamentalidade e da constituição da relação consigo (Foucault, 2010b, p. 44).

Então,

[...] a *parresia* é uma maneira de se vincular a si mesmo no enunciado da verdade, de vincular livremente a si mesmo na forma de um ato corajoso. A *parresia* é a livre coragem pela qual você se vincula a si mesmo no ato de dizer a verdade. Ou ainda, a *parresia* é a ética do dizer-a-verdade, em seu ato arriscado e livre (Foucault, 2010b, p. 64).

Ao avançar inicialmente por essa frente aberta por Foucault (2010b) para análise do franco dizer, a qual deixa de lado o estatuto social do sujeito para privilegiar o vínculo particular entre a verdade e a liberdade, o *pathos* surge no horizonte discursivo *booktoker* como um operador indiscreto de um tipo de dramática do discurso verdadeiro que tem na autenticidade e na paixão dois dos seus aspectos. Nessa perspectiva,

[...] a *parresía* é exatamente o que poderíamos chamar de um dos aspectos e uma das formas da dramática do discurso verdadeiro. Trata-se, na *parresía*, da maneira como, afirmando o verdadeiro, e no próprio ato dessa afirmação, você se constitui como aquele que diz a verdade, que disse a verdade, que se reconhece naquele e como aquele que disse a verdade. A análise da *parresía* é a análise dessa dramática do discurso verdadeiro que revela o contrato do sujeito falante consigo mesmo no ato do dizer-a-verdade (Foucault, 2010b, p. 65).

O movimento da *parresia* cria o espaço para uma estilística da existência assentada na liberdade e na relação de si consigo como sujeito de veridicção capaz de evidenciar uma certa forma de poder sobre si e sobre o outro. Ao nuançar esse aspecto do franco-dizer em relação às práticas contemporâneas nas redes sociais,

observamos o seu espelhamento na estética *booktoker*. Em vista dessa aproximação, somos motivados a interpretar a função parresiástica do corpo na trama discursiva para apreender os sentidos produzidos e a verdade comunicada nos vídeos curtos que trafegam na comunidade literária *BookTok*. Do ponto de vista desse corpo parresiástico, o discurso de si habita os vídeos, carreando uma verdade dirigida ao outro, própria do tempo e do espaço de sua produção.

Observamos que o efeito pregnante do corpo parresiástico secundariza a palavra, de maneira que o discurso pode constituir-se plenamente no plano do visível, meio eficaz para comunicação instantânea de emoções complexas “simuladas”, incabíveis em palavras no formato de vídeos curtos. Como exemplo dessa produção imagética de saberes em leitura, destacamos do *corpus* analítico um minivídeo sobre o romance *É assim que acaba*, escrito por Collen Hoover, cuja dinâmica é capturada em uma sequência de oito *prints* (figura 1). Com apenas treze segundos de duração, ao longo dos quais nenhuma palavra é pronunciada, esse conteúdo contava com mais de 2,6 milhões de visualizações no *BookTok* na data em que foi coletado:

Figura 1 – Cenas de leitura: emoções leitoras comunicadas pela imagem de si



Fonte: Página da tiktok Jordanavucetic no TikTok. Sequência organizada pela autora¹¹.

Neste enunciado imagético percebemos que o corpo feminino – e mais fundamentalmente o rosto – constitui a mais potente manifestação do jogo parresiaístico *booktoker*. A sequência marca a regularidade do par corpo-livro como matriz da experiência leitora visibilizada. A desmultiplicação causal do uso estratégico do corpo e das emoções mobilizadas possibilita interpretar, na reiteração desse discurso, os saberes produzidos acerca da leitura, a normatividade do comportamento encenado e os modos de existência do sujeito-leitor que aí se manifestam (Foucault, 2010b, p. 41).

11

Disponível

em:

https://www.tiktok.com/@jordanavucetic/video/7121507269539400966?is_from_webapp=1&sender_device=pc. Acesso em: 28 out. 2024.

Aplicados aos comentários do vídeo, os eixos analíticos saber-poder-ser possibilitam evidenciar os sentidos que emanam das imagens pela perspectiva da audiência. Em “me sinto uma **pedra** por não ter chorado lendo esse livro”, notamos uma oposição aos saberes consensualmente produzidos na prática *booktoker*, cuja validação se expressa na convergência dos comentários. Em sua esmagadora maioria, essas manifestações relativamente espontâneas normalizam a leitura como uma prática feminina de fruição e evasão da realidade. Contando com bilhões de visualizações, o poder normativo de conteúdos semelhantes, marcado nesse comentário dissonante, é confirmatório da normatividade a que se opõe. Ao interditar modos de existência discrepantes entre si, a reiteração de sua “verdade” afirma um modelo de leitor visível, para quem o livro é um ornamento simbólico e a leitura uma prática de diferenciação que deve apeter ao gosto pessoal do legente.

Seria impróprio qualificar a oscilante e indiscreta prática *booktoker* como um exercício propriamente dito de *parresia*, igualando-o em natureza e valor, por exemplo, à essência do quanto escreve Foucault (2010b) sobre a prova de Platão frente ao tirano Dionísio, cuja menção é feita mais adiante neste texto. Entretanto, esse cuidado não impossibilita considerar, em certas circunstâncias pontuais, haver entre práticas tão distintas entre si uma aproximação ambígua. Mesmo constatando a presença de elementos que caracterizam o dizer verdadeiro na performance *booktoker*, salientamos que esse discurso movimenta, prioritariamente, um modo padronizado de expressar emoções da leitura, menos como um exercício espiritual de si e mais como uma carga ficcionalizada de *pathos* dirigida ao outro, com o objetivo de exercer influência.

Essa percepção cautelosa escala, e coloca em suspensão a “*parresia*” *booktoker*, quando comparamos memes de internet ao catálogo de emoções comumente evocadas nos vídeos do acervo BookTok. Na figura 2, as respostas de um leitor surgem categorizadas no meme *Reações de um leitor* (figura 2), como um enunciado representativo desse rol de emoções que uma “boa” leitura desperta no “bom” leitor.

Figura 2 – Menu de emoções de uma boa leitura

Fonte: Página Blog sobre leitura no Instagram¹².

No catálogo de “cenas emotivas” de leitura da *booktoker* (figura 1), observamos como as emoções ali acionadas sancionam uma forma historicamente conhecida de se ostentar uma condição leitora, especialmente compartilhada pelo público feminino, que é atualizada em memes contemporâneos sobre a leitura, segundo aponta Silva e Ferreira (2023). A produção social de memes, como a figura 2, evidencia uma lógica segundo a qual o “bom” leitor é aquele a quem, realizando uma leitura intensa, o livro consegue comover e fazer escapar da realidade. A leitura, nesse sentido, é vista como uma atividade evasiva, sem resultado prático, cuja função de entretenimento é, em geral, pouco valorizada pelo público masculino, em seu consensual papel de leitor mais racional.

Assim como a performance *booktoker*, a leitora representada no meme compartilha a fruição intensa da leitura, o que pode ser visibilizado nas emoções transmitidas nas variadas expressões faciais, cujos sentidos de surpresa, indignação, incredulidade, tristeza, traduzidos nos enunciados imagéticos e verbais, demonstram a adesão feminina às emoções “ficcionalizadas na narrativa”. Essas reações, comumente ligadas à leitura de romances, ecoam práticas consensuais de leitura que herdamos de longevas representações romantizadas, próprias do ideário burguês de

¹² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bd3dWAGl3jj/>. Acesso em: 24 jan. 2024.

leitura como atividade de entretenimento e evasão do público feminino, datadas dos séculos XVIII e XIX. Na encenação *booktoker*, a “resposta afetiva” intensa, atualizada no meme, realiza-se através de reações comuns na plataforma, as quais confirmam o pertencimento de quem as manifesta, sua adesão e adequação ao contexto discursivo específico sancionador de papéis distintos a homens e mulheres leitores, consensualmente construídos ao longo do tempo (Silva; Ferreira, 2023).

Nesse sentido comunitário e historicamente construído, comunicar a leitura como um estado afetivo a ser experienciado deixa de expressar apenas a governamentalidade de si, à medida em que é dirigida a uma audiência. Com esse redirecionamento, entram em funcionamento diferentes funções enunciativas com efeito de *acontecimento*, capazes de orientar as técnicas da relação de si consigo em direção ao outro requerente. Assim,

O dizer-a-verdade do outro, como elemento essencial do governo que ele exerce sobre nós, é uma das condições essenciais para que possamos formar a relação adequada conosco mesmos, que nos proporcionará a virtude e a felicidade (Foucault, 2010b, p. 44).

Na trama discursiva *booktoker*, o movimento descentralizador em direção ao outro é dirigido a uma audiência requerente, generalizando a relação desse público com os criadores, a leitura e o ser leitor. Trata-se de uma interação horizontalizada que movimenta uma carga de emoções na produção de “verdades” compartilhadas, pouco (ou nada) ligadas ao exercício espiritual referido pelo pensador francês. Não obstante essa distância, o funcionamento de tal sistema produtivo tem sua função estética enraizada no *pathos* – polaridade do triângulo argumentativo para onde flui a busca individual por relações mais adequadas, consigo e com o outro, na vida em rede.

Em vista desse deslizamento, e apesar de Foucault (2010b, p. 44) ter posicionado a noção de *parresia* em outra encruzilhada, o discurso considerado autêntico no ambiente digital articula móveis como: “obrigação de dizer a verdade, procedimentos e técnicas de governamentalidade e a constituição da relação consigo”. É a articulação desses operadores em variadas formações que possibilita o cotejo de práticas contemporâneas em relação àquelas estudadas pelo filósofo.

Nesse sentido, a prática *booktoker* institui um espaço discursivo que flexiona vetores da *parresia*. Contudo, seu funcionamento está indexado menos a um feixe de princípios éticos e mais a uma “razão neoliberal” que instrumentaliza o *capital*

*cultural*¹³ da leitura, de modo a determinar as balizas que constituem, entre outros aspectos, o que pode (ou não) ser considerado autêntico em matéria de leitura naquele espaço. Portanto, a distância entre o objeto desta análise e as práticas parresiásticas estudadas por Foucault (2010a, 2010b) está no grau variável de afastamento que esse mecanismo orientado pela “razão neoliberal” mantém em relação ao conjunto de operadores éticos do franco dizer ligados ao cuidado de si e do outro (Dardot; Laval, 2016; Foucault, 2008, 2010a, 2010b).

Segundo interpretamos de Bauman (2021), a fluidez e superficialidade desse tipo de configuração discursiva é geradora da demanda contemporânea por relações mais profundas, emocionais e autênticas. É em vista de tais necessidades do homem moderno, situadas por Foucault (2022, p. 38-48) no interior de um complexo sistema de dispersão dos discursos, cujo jogo de regras e regularidades podem ser detectadas, que a noção de autenticidade é instrumentalizada pelos interesses econômicos, ajustando-se aos anseios e moldando a subjetividade do *homo economicus* (Foucault, 2008). Assim, no balanço entre demanda e oferta que mantém esse sujeito flexível em permanente estado de mudança, um outro conjunto de regras – as da *parresia* – atravessam espaços discursivos diversos, como o *booktoker*, possibilitando interrogar e interpretar práticas heterogêneas que aí se desenvolvem, em relação à autenticidade e à impostura de suas materializações.

Além da possibilidade de ser interpretada à luz da *parresia*, um outro aspecto relevante a ser considerado quanto à prática *booktoker* aponta para uma remodelada economia da atenção, baseada em móveis como performance e velocidade. Em sua dinâmica, a atenção do outro requerente do dizer verdadeiro é também uma relação não linear de variáveis como tempo e imagem – e menos do conteúdo – que evidencia outra regularidade interessante: dentro de um universo de vídeos curtos, os mais visualizados costumam ser aqueles de menor duração e estes são os que têm menos – ou simplesmente não utilizam – palavras. A palavra, como demonstram as redes sociais, demanda mais tempo de maturação para produzir sentidos em comparação à imagem. Face a essa disparidade, os efeitos de *parresia* no discurso *booktoker*, ao contrário dos antigos exercícios espirituais escavados por Foucault (2010a, 2010b),

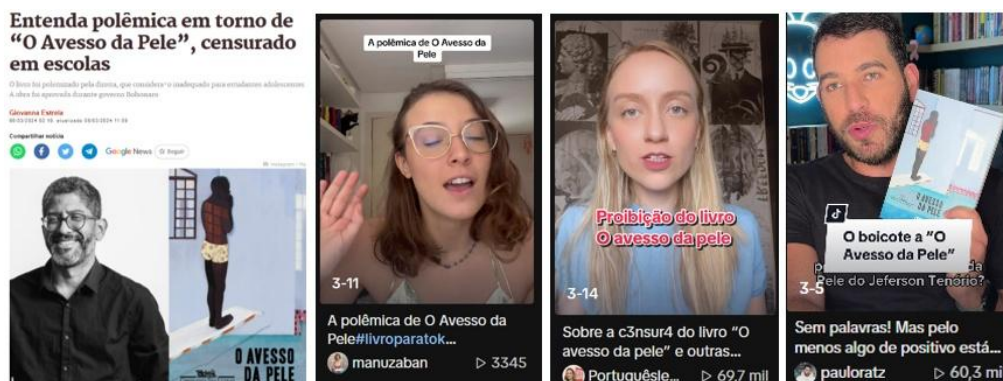
¹³ Pierre Bourdieu (2007) conceitua o *capital cultural* como o conjunto de recursos simbólicos não materiais herdados ou conquistados pelo indivíduo em função de sua trajetória de vida, “ao qual se atribui valor específico com poder distintivo dos sujeitos.” (Bourdieu *apud* Curcino, 2018, p. 243).

encontram suas condições de possibilidade na sedução da linguagem das telas, no uso estratégico do corpo e no apelo a emoções dirigidas a uma audiência requerente.

3.1 Coragem e abertura ao risco

Para explorar outros aspectos da *parresia*, recortamos um enunciado jornalístico representativo de situações controversas em razão das quais é requisitada a manifestação do franco dizer dos *booktokers*. Comumente denominadas de “tretas literárias”, esses temas desaguam na plataforma originários de outras redes sociais ou da grande mídia e costumam estimular a criação de conteúdos que, por vezes, geram um debate político sobre questões reais e problemas coletivos. Na figura 3, alinhamos à esquerda uma reportagem publicada no portal Metrôpoles, em 08 de março de 2024, e três capturas de telas de vídeos-reação extraídos do BookTok, sobre os quais realizamos uma leitura conjunta acerca de como essa comunidade enfrenta temas considerados polêmicos:

Figura 3 – Notícia sobre a censura ao livro *O Averso da Pele* e a correspondente reação *booktoker*



Fontes: Metrôpoles¹⁴, TikTok, 2024^{15,16,17}.

¹⁴ Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/entenda-polemica-em-torno-de-o-avesso-da-pele-censurado-em-escolas>. Acesso em: 29 out. 2024.

¹⁵ Disponível em: <https://www.tiktok.com/@manuzaban/video/7345148295750176006>. Acesso em: 29 out. 2024.

¹⁶ Disponível em: <https://www.tiktok.com/@pauloratz/video/7343012664462871814>. Acesso em: 29 out. 2024.

¹⁷ Disponível em: <https://www.tiktok.com/@portugueselegal/video/7346360139869424902?q=o%20avesso%20da%20pele%20portugues%C3%AA&t=1743703073534>. Acesso em: 29 out. 2024.

Segundo Foucault (2010a, 2010b), a coragem de dizer a verdade é uma característica do ato parresiástico. Ao mobilizar esse aspecto, oferecemos uma interpretação da prática *booktoker* nas ocasiões em que essa disposição se manifesta na plataforma. Observa-se, já no título da reportagem, cujo objetivo é fazer com que se “Entenda polêmica em torno de *O Averso da Pele*, censurado em escolas”, uma referência à prática da censura, iniciada em uma escola pública do Rio Grande do Sul (2024). A imediata politização do assunto pode ser notada no subtítulo: “O livro foi polemizado pela direita, que o considera inadequado para estudantes adolescentes”.

Na esteira do acirramento político que se tornou ocupação mundial, polemizar livros é uma prática cada vez mais comum nos EUA¹⁸, principal praça de importação de tendências extremistas pela direita brasileira, como a de demonização da escola pública e deslegitimação do professor. “Quase tudo que acontece lá acontece aqui”, afirmou recentemente o ex-presidente Bolsonaro, principal expoente dessa faixa do espectro político no Brasil, em referência ao cenário político atual. Foi nesse contexto discursivo que representantes locais da direita e ultradireita, ecoando o discurso estrangeiro extremista, apressaram-se em atribuir culpa ao governo Lula pela distribuição do título nas escolas, sonegando verdades objetivas explicitadas tanto pela reportagem como pelos *booktokers*. Entre elas, o fato de que foi durante a gestão do ex-presidente Bolsonaro que o título em questão foi adquirido pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), após prévio processo de escolha pelos professores.

Essa contextualização situa a polêmica da censura aqui discutida da esfera pública, ou seja, na *pólis* e, mais precisamente, dentro da escola. Ao forçar a retirada de circulação de um livro, temos diante dos olhos um problema que não se limita à restrição da diversidade literária imposta por uma faixa do espectro político. Seus efeitos atentam contra liberdades constitucionalmente protegidas e sinalizam um projeto de policiamento da escola pública e do trabalho docente que encontra na negação do discurso verdadeiro, no conforto da covardia moral, e na estratégia da mentira, motivos suficientes para vulnerar a democracia. A censura, termo usado na reportagem e nos vídeos, resulta das mesmas desvirtudes com as quais Foucault (2010b) qualifica Apolo na tragédia iônica: um antagonista do discurso verdadeiro, um anti-parresiasta capaz de escamotear a verdade, silenciar ou falar em abuso de

¹⁸ Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/401447/abc-da-censura-entenda-o-movimento-que-bane-livros-nos-eua>. Acesso em: 29 out. 2024.

poder e, além disso, proferir a mentira quando esta lhe convém. É nesse sentido intrinsecamente ligado à vida em rede que o *booktoker*, enquanto sujeito coletivo, pode estender e movimentar os efeitos *parresiásticos* de sua prática para além das próprias emoções e da própria existência, em prol do que acredita ser uma verdade de interesse coletivo: o absurdo da censura e os riscos embutidos para a democracia¹⁹.

A repercussão da polêmica e o crescimento nas vendas de *O avesso da pele* podem ser lidos como materializações da legitimidade do que é enunciado, recebido como relevante, e da legitimidade de quem enuncia, reconhecido como autêntico. Esse evento exemplifica como a apropriação do discurso define a maior ou menor adesão dos sujeitos na comunidade e a consequente produção de comportamentos coletivos. “A legitimidade é causa e efeito da inserção em comunidade”, e o dizer verdadeiro e apaixonado é inerente a esta legitimidade, formando as condições para a apropriação do discurso (Curcino, 2024, p. 80).

Uma vez abordada a questão da coragem de dizer a verdade como aspecto essencial à produção de um efeito *parresiástico*, a abertura ao risco é o próximo elemento da *parresia* com o qual será confrontada a prática *booktoker*. As cenas a seguir foram capturadas de um minivídeo sobre o livro *Torto Arado*, do escritor baiano Itamar Vieira Júnior, produzido pelo criador de conteúdos *patzic-santos*, influenciador que contava, na data da coleta, com 378 mil seguidores e 8,3 milhões de curtidas no *TikTok*:

¹⁹ Após a polêmica envolvendo a censura do livro, foi registrado um aumento da ordem de 400% nas vendas de *O Avesso da Pele*, segundo informações da *Folha*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2024/03/livro-o-avesso-da-pele-de-jeferson-tenorio-vende-400-mais-apos-polemica.shtml#:~:text=As%20vendas%20de%20%22O%20Avesso,no%20Rio%20Grande%20do%20Sul>. Acesso em: 29 out. 2024.

Figura 4 – Recomendação literária e o risco envolvido na enunciação.



Fonte: TikTok, 2024²⁰.

Ao interpretar este enunciado, com as cautelas impostas pelo tempo e circunstâncias que o separam das práticas estudadas por Foucault (2010a, 2010b), percebemos uma abertura ao risco na prática *booktoker*. Como observa Foucault (2010b) a respeito das antigas manifestações da *parresia*, não se trata de um risco irrisório. No limite, o franco-dizer colocava em perigo a vida do parresiasta, pois dizer a verdade de certa maneira e em certas ocasiões, como naquelas “cenas matriciais da parresia” narradas por Plutarco, poderia custar a vida ou a liberdade do locutor. Assim foi com Platão que, convidado a Siracusa, ergueu-se contra Dionísio, enquanto todos os demais cortesãos – à exceção do Díon – apenas assentiam com suas falas e ações tirânicas (Foucault, 2010b, p. 49-50). Ao esboçarmos uma aproximação dessa cena antiga com o discurso oferecido à análise, qual abertura ao risco o franco-dizer inaugura para o *booktoker*?

Em primeiro lugar, é preciso sempre situar o discurso no espaço público de sua constituição como um lugar de não-neutralidade e reafirmar “que a parresia é uma

20

Disponível

em:

<https://www.tiktok.com/@patzzic/video/7183829560599842054?q=torto%20arado%20patzzic&t=1743703543597>. Acesso em: 29 out. 2024.

espécie de formulação da verdade em dois níveis:” no primeiro, a verdade é lançada e no segundo nível, temos a enunciação parresiástica, “que é a afirmação de que essa verdade que nomeamos, nós a pensamos, nós a estimamos, nós a consideramos efetivamente, nós mesmos autenticamente, como autenticamente verdadeira” (Foucault, 2010b, p. 62).

Nas redes sociais digitais, como na Ágora, enunciar algo irruptivo, capaz de comprometer o pensamento com o enunciado sempre deixará o locutor vulnerável ao retorno para si do julgamento público, cujos efeitos não são codificados, mas indeterminados (Foucault, 2010b, p. 58). No caso do *TikTok*, esse julgamento pode ser feito por estranhos em tempo real. Salientamos que o vínculo que une criador e audiência na plataforma não requer um passado, ou seja, não precisa haver relação prévia como em outras redes sociais. Assim, o discurso alcança estranhos e isso aumenta o risco potencial de interpretações enviesadas. Quanto a isso, notemos que o *booktoker* da figura 4, estando pactuado consigo, lança sua enunciação parresiástica ao apresentar uma indicação literária feita em outra rede social pelo Presidente Lula, a quem chama de “nosso presidente”, não obstante os custos que este comprometimento pode acarretar, especialmente no cenário atual.

Na prática analisada, o criador assume livremente o risco de desagradar parcela dos potenciais espectadores, e com isso atrair para si seu antagonismo. A despeito desse risco de retorno indesejado e incalculado, ao referir-se ao texto *Apologia de Sócrates*, Foucault (2010b, p. 154) define a *parresia* como um ato político que não está comprometido com a aprovação de todo mundo. Quem assim o espera é o lisonjeador, e a lisonja é o “fundo moral e instrumento privilegiado da retórica”, não da *parresia* (Foucault, 2010b, p. 335). E nessa medida, o filósofo nos orienta que o núcleo da *parresia* não pode ser encontrado no estatuto do sujeito que enuncia ou no funcionamento do meio utilizado para a enunciação e sim na sua coragem.

Como só há *parresia* quando há liberdade na enunciação da verdade, seguimos no rastro da livre palavra, ao encontro dos 199 comentários vinculados ao vídeo sob análise²¹. Em meio a uma grande maioria de manifestações elogiosas ao livro, encontramos: “O Lula sabe ler?; “Até que o ex-presidiário tem bom gosto de leitura” e “O livro é excelente, mas eu duvido que o Lula o tenha lido! 😊”. Esse espaço de

²¹ Dados coletados em 11 nov. 2024, às 18h30min. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@patzzic/video/7183829560599842054?q=torto%20arado%20livro&t=1732995502787>. Acesso em: 11 nov. 2024.

interlocução pode ser pensado como uma extensão dos efeitos parresiásticos sobre a leitura da prática *booktoker*, suscetível à ambiguidade da liberdade e da abertura, “[...] que fazem com o que se diga o que se tem a dizer, da maneira como se tem vontade de dizer, quando se tem vontade de dizer e segundo a forma que se crê necessário dizer”. Nesse sentido, o termo *parresia* liga-se “à escolha, à decisão, à atitude de quem fala”, como um exercício de liberdade de tudo-dizer traduzido pelos latinos pelo termo *libertas* (Foucault, 2010a, p. 334).

Uma vez situado o discurso *booktoker* no espaço público digital de estranhos, salientamos que a dinâmica das redes sociais possui mecanismos próprios de controle social de seus atores. A audiência, no exercício do poder de escolha, pode condenar a mentira, ou até mesmo a verdade, nos casos em que esta mostrar-se de alguma forma inconveniente. No comentariado, cria-se um espaço de julgamento coletivo acerca do que é dito e visibilizado. Esse mecanismo é hoje uma ferramenta da “cultura do cancelamento” que materializa a violência contra o outro; uma forma contemporânea de condenar ao ostracismo atores sociais que mentem e, eventualmente, arriscam-se a dizer a verdade sobre assuntos de interesse público.

Quando Foucault (2010b, p. 53) cita um Dionísio ultrajado, a ponto de ordenar a venda de Platão como escravo, em virtude de ter o filósofo arremessado sua *parresia* pedregosa na cara do tirano, exemplifica a condenação do parresiasta ao ostracismo pela prática do franco-dizer. Ainda que na contemporaneidade tal castigo pareça inconcebível, e a liberdade, no dizer de Han (2017), seja tão paradoxal quanto é a autoexploração, é relevante o fato de que a existência no domínio das redes sociais esteja compromissada com a visibilidade, e esta dependa de fatores quantitativos ligados ao outro, como o número de *views*, curtidas e seguidores. Por conseguinte, perdê-los, como resultado do risco não calculado do cancelamento, é um tipo de morte por condenação ao ostracismo e ao adoecimento, cuja possibilidade caminha junto com a produção de efeitos parresiásticos na vida em rede.

Por fim, é necessário considerar o quanto observa Foucault (2010a, p. 335-342) sobre a relação ambivalente entre a *parresia* e a retórica no franco dizer. Para o autor, a *parresia* tem na retórica um adversário-técnico, em relação à qual tem liberdade, e dela pode servir-se nos estritos limites necessários à expressão da verdade. Nesse sentido, extraímos da *parresia* movimentada no universo *booktoker* sinais de uma parceria técnica com a retórica, os quais devem ser compreendidos à luz de uma parceria ambígua com interesses econômicos e de mercado. Isso significa, com essas

parcerias, que os efeitos parresiásticos produzidos na comunidade podem ser pontilhados pela retórica, tanto quanto pelos interesses de mercado, em obediência à lógica neoliberal especializada pelo algoritmo, o que não exclui formas de resistência. Em jogo está a instância do “autêntico”, e nesse campo discursivo o *BookTok* constitui-se um espaço ambivalente de ensaio parresiástico, propenso a desviar de tentativas totalizantes de definição, seja como um acontecimento transformador ou reificante do sujeito.

Recolocando a pergunta lançada no título deste artigo, a prática *booktoker* tende a ser pouco aderente a rótulos. Por diferentes perspectivas, classificar esse discurso como autêntico e enraizado na verdade ou como impostura de um eu inautêntico motivado por interesses implícitos, é menos produtivo do que considerar o que temos a compreender sobre o seu funcionamento, após lançá-lo ao encontro da noção de *parresia*, lembrando que há várias outras formas possíveis de confrontá-lo.

Ao apresentar alguns exemplos representativos que aproximam a prática *booktoker* de aspectos da *parresia*, tentamos destacar como a coragem para dizer a verdade, o risco assumido em dizê-la e a forma autêntica como é recebida pela audiência configuram a performance *booktoker*, se não como um exercício parresiástico, no mínimo como um discurso assertivo naquilo que se propõe: gerar adesão e, no processo, produzir efeitos parresiásticos no que diz respeito à leitura. Seja na Antiguidade grega narrada por Plutarco, ou nas matrizes latinas da retórica traçadas por Quintiliano, o sujeito parresiástico e seus discursos estão ligados às contingências históricas de sua constituição. Por diversas maneiras, Foucault mostra-nos o franco-dizer liberado de sistemas herméticos, mas sempre associado a um custo pessoal que nem todos estão dispostos a pagar. Por essa razão, o discurso verdadeiro, seja na Ágora ou na esfera pública digital, está cercado pela mentira de anti-parresiastas, personificados pelo filósofo na figura de Apolo. Apesar dos riscos serem outros quando pensamos na vida em rede, o sujeito parresiasta atravessa o tempo assumindo novos contornos, sem perder o seu laço com a verdade, movimentando alguns exemplos contemporâneos de *parresia*, entre tantos possíveis.

Considerações finais

Neste artigo, empreendemos uma navegação tortuosa pelo discurso *booktoker* sobre a leitura, movimentando a vasta noção de *parresia*. Tentamos deslocar essa noção dos longínquos contextos estudados por Foucault para falar de efeitos parresiásticos na formação do objeto leitura, e apontar como os eixos do franco-dizer atravessam os discursos em circulação sobre essa prática, manifestando-se nos sentidos de autenticidade e paixão. A compreensão da atitude parresiástica na surgência do *acontecimento BookTok* mostra que as formas de praticar a *parresia* não estão limitadas ao passado e são diagnosticadas no hoje, a seu modo e em sua economia, através da descontinuidade histórica.

Oferecemos exemplos passíveis de serem interpretados como atos parresiásticos, referindo-se não diretamente ao estatuto do sujeito que enuncia, mas a uma rede de formulações que se constituem pelo gesto parresiástico no cenário digital. Ao apresentar a materialização da *parresia* através da imagem e da palavra, vimos como o exercício parresiástico *booktoker* está ligado às nuances que o constitui como sujeito-criador e a uma abertura ao risco pelo vínculo estabelecido entre a liberdade e a produção da verdade no âmbito das redes sociais. O *booktoker*, atuando como parresiasta, movimenta sua *parresia* em favor daquilo que tem e transmite como verdade: a paixão pela leitura e a autenticidade com que comunica emoções leitoras ficcionalizadas, não obstante em seu discurso estarem implicados móveis como a retórica e interesses de mercado.

Consideramos que o caráter ambivalente do discurso *booktoker* dificulta tentativas de valoração unívoca de sua performance. Se, por um lado, a mediação algorítmica e interesses econômicos são sugestivos de impostura, por outro, não se pode ignorar que ele aproxima jovens da leitura, ainda que a audiência muitas vezes seja levada pela emoção, ignorando ou não se importando com a superficialidade profunda que reveste esses discursos ligeiros. Se a "verdade" apresentada pelo *booktoker* não se vincula ao que é efetivamente comunicado ou ao propósito do receptor, esse fenômeno pode ser interpretado como uma artesanaria retórica capaz de construir narrativas enganosas. Diante disso, como avaliar o discurso de jovens que, segundo uma percepção subjetiva, descobriram livros e debates culturais por meio da plataforma, estabelecendo conexões antes inacessíveis? Estariam condenados ao consumo descartável, mesmo quando esse acesso amplia seus horizontes existenciais?

Nas ações analisadas, observamos que a leitura é abraçada com subjetividade pela dramática do discurso verdadeiro *booktoker*. Em comparação ao discurso pedagógico, notamos que o relevo dado ao *logos* (razão) na prática escolar sobre a leitura e o ser leitor encontra-se deslocado para o *pathos* na dinâmica *BookTok*. Consideramos que interpretar os efeitos desse deslocamento pode contribuir para o enfrentamento da habitual refratariedade do jovem à política escolar de estímulo à leitura, que atribuímos não ao prestígio do discurso racional, mas em parte ao desprestígio do *pathos*. É sabido que as emoções mais se distanciam da prática escolar da leitura já a partir dos últimos anos do Ensino Fundamental, prosseguindo pelo Ensino Médio, quando a ênfase no *logos* instrumental concorre decisivamente para o abandono da leitura subjetiva na escola (Schuler, 2022).

Face a esse distanciamento, o quanto podemos aprender com a *parresia booktoker* resulta de um diálogo proveitoso e necessário com o passado sobre a experimentação social de práticas contemporâneas de leitura, o tipo de leitor que vai se constituindo no presente e seu esboço no porvir. Nesse encontro, tem lugar uma revisão temperante do fazer pedagógico em vista de garantir maior abertura ao *pathos* na construção de um discurso autêntico e apaixonado, capaz de gerar adesão aos propósitos escolares em matéria de leitura. Sob o risco não desprezível de agravamento do desacordo já tão sentido na escola entre a prática pedagógica e a cultura jovem, despertar o olhar para as manifestações contemporâneas da *parresia*, além de desdobramentos políticos para a educação, tem algo a ver com o modo como escolhemos viver e compartilhar emoções e possibilidades providas pela leitura.

Fontes

HOOVER, Colleen. **É assim que acaba**. Tradução de Priscila Catão. Rio de Janeiro: Galera Record, 2018.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2021.

CASADO ALVES, Maria da Penha; ROJO, Hoxane Helena. Comunidades de leitores: cultura juvenil e os atos de descolecionar. **Bakhtiniana**, São Paulo, n. 15, v. 2, p. 145-162, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/43116>. Acesso em: 10 ago. 2024.

CECCANTINI, João Luís. Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler. In: FAILA, Zoara (org.). **Retratos da Leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. p. 83-98.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os Séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priore. 2. ed. Brasília: UnB, 1999. p. 95-105.

CURCINO, Luzmara. Imprensa e discursos sobre a leitura: representações dos presidentes FHC, Lula e Dilma como leitores. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 16 esp. “Discurso e argumentação na política latino-americana”, p. 223-243, set. 2018.

CURCINO, Luzmara. As emoções em discursos sobre a leitura. In: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice (org.). **O discurso e as emoções**: medo, ódio, vergonha e outros afetos. São Paulo: Parábola, 2024. p. 79-92.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2022.

FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e verdade**: curso no Collège de France (1980-1981). Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016. p. 264-272.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso** – aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade (O Governo de Si e dos Outros II)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. **O Governo de Si e dos Outros**: curso no Collège de France (1982-1983). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed., ampl. Petrópolis: Vozes, 2017.

SCHULER, Betina. O cuidado com a escrita e a leitura para uma educação filosófica na escola. **Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, RS, v. 29, n. 3, p. 901-920, set./dez. 2022.

SILVA, Jeniffer Aparecida Pereira da; FERREIRA, Luzmara. C. A vergonha e o orgulho em memes sobre a leitura: the shame and the pride in memes about reading. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 51, n. 2, 2023. DOI: 10.21165/el.v51i2.3331. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3331>. Acesso em: 24 jan. 2025.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital**: os desafios da leitura na nossa era. Tradução de Rodolfo Ilari e Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019.